

## RESENHA

BRAGGIO, Sílvia Lúcia B. (Org.). Contribuições da lingüística para a alfabetização. Goiânia: Editora da UFG, 1995. 149 p.

Orlinda M. de F. Carrijo Melo 1

Alfabetização! Este é um dos temas preocupantes que têm marcado presença nas pesquisas do meio acadêmico, devido aos índices significativos de analfabetismo de crianças, jovens e adultos brasileiros. Sílvia Lúcia B. Braggio e um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Goiás enfrentam o desafio da alfabetização apresentando análises, discussões e propostas no livro Contribuições da lingüística para alfabetização. Como organizadora do livro, Braggio reúne nele sete arquivos sobre a aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita: os cinco primeiros artigos são resultantes das dissertações de mestrado sob sua orientação, seguindo-se a esses um relato de experiência e um artigo de sua autoria.

Na apresentação do livro, Braggio explicita que o objetivo dessa coletânea é mostrar

à comunidade e, principalmente, a professores alfabetizadores [...] como a prática do que se entende verdadeiramente por alfabetização deve ser alicerçada numa fundamentação e conhecimentos teóricos que advêm principalmente da lingüística. (p. 5)

Sabe a autora que as preocupações da maioria dos professores alfabetizadores, historicamente, têm-se centrado em “adotar o melhor método” para alfabetizar seus alunos. Sabe a autora ainda – e também sabemos nós – que mudanças e adaptações de métodos e técnicas não têm produzido leitores críticos, conscientes do seu papel de cidadãos. É preciso, portanto, ir muito além!

Braggio e outros autores procuram, neste livro, “ir além”, usando a abordagem sociopsicolingüística da alfabetização que alicerça seus fundamentos na Lingüística e Psicologia. Mas, qual Lingüística? Qual Psicologia? E ainda: que lugar ocupa a abordagem sociopsicolingüística no contexto das ferrenhas discussões sobre o behaviorismo, construtivismo e sociointeracionismo?

As respostas a estas questões talvez estejam implícitas nas preocupações de Braggio, a partir do avanço das ciências lingüísticas, com as reformulações da abordagem sociopsicolingüística. Afirma essa autora que o modelo sociopsicolingüístico, apesar de avançado em relação ao behaviorismo, necessita de “redimensionamento”, uma vez que se preocupa apenas com a formação “funcional do bom leitor e escritor”. Portanto, essa concepção não dá conta ao leitor crítico que deve pensar e refletir sobre a realidade, como um agente histórico-social (Braggio, 1992). Com efeito, há necessidade de “redefinições – na verdade, mudanças paradigmáticas – que não são meras substituições” na procura de “uma postura dialógica em relação à aquisição da linguagem escrita” (Braggio, 1995, p.126).

Ao buscar mudanças paradigmáticas, Braggio parece renunciar ao modelo sociopsicolingüístico para enveredar pelas tramas do sociointeracionismo de Bakhtin e Vygotsky. No entanto, os artigos aqui analisados continuam ainda a se fundamentar na abordagem sociopsicolingüística, agora redefinida em base histórico-social em relação à concepção de homem, de sociedade e de linguagem. Nada melhor, portanto, do que ir aos artigos dos autores que compõem esse livro para perceber a linha unificadora da abordagem sociopsicolingüística que se fundamenta em autores como Yetta e Kenneth Goodman, Smith, Rumelhart, Halliday, McDermott, Hymes, Labov e outros e agora também com as redefinições, em Bakhtin e Vygotsky.

Os três primeiros artigos – “Caminho Suave e Pipoca: o alfabetizado como não-sujeito do processo”, de Elizabeth Landi de Lima e Souza, “Alfabetização e contexto”, de Regina Celeste R. Barros, e “Concepções sociopsicolingüísticas subjacentes ao livro didático: uma proposta de reflexão”, de Maria Celeste S. Guirra – têm como foco de análise as cartilhas e o livro didático utilizados para o ensino da leitura e escrita em salas de alfabetização e de 1ª a 4ª séries do 1º grau. As autoras verificam que tanto as cartilhas como o livro didático analisados estão apoiados em teorias

mecanicistas que restringem a aquisição do conhecimento ao oferecer aos alunos uma linguagem fragmentada e sem sentido, com intensa e extensa fixação nos aspectos gráficos, morfológicos e morfofonológicos, completamente desvinculada da realidade lingüística e cultural dos alunos.

O valor dessas pesquisas para os professores de língua materna está em mostrar não só “os fatores presentes na sala de aula que têm contribuído para o fracasso...” (p.60), mas também alternativas de soluções (e não receitas), a partir das contribuições da abordagem sociopsicolingüística.

Os outros artigos que se seguem – “A interação verbal: um estudo da linguagem numa sala de aula”, de Maria das Graças Ferreira, e “O uso da variedade não-padrão como estratégia e insubordinação dos subordinados”, de Mary F. de L. Mendonça – discutem a questão do “silenciamento” dos alunos em relação à linguagem escrita e oral. Ferreira não só mostra como e quando a interação verbal não ocorre na sala de aula, causando vários prejuízos à aquisição do conhecimento lingüístico, mas também fornece subsídios para a compreensão da interação verbal entre professor e aluno e aluno e aluno. Já Mendonça, ao analisar a variedade lingüística não-padrão dos falantes em Santa Cruz de Goiás, destaca a importância de os professores conhecerem essa variedade para usar metodologias lingüisticamente fundamentadas, a fim de que os alunos adquiram a língua-padrão, sem medo e com competência.

Os dois últimos artigos – “A importância da construção do sentido na aquisição da linguagem escrita”, de Sílvia de L. B. Braggio, e “Alfabetização como um processo sociopsicolingüístico: uma experiência realizada no Colégio Aplicação”, de Zuleika D. Alves – apontam o sucesso fundamentado no “intento semântico” de produzir sentido. Os dois textos revelam como as crianças, participando com o “outro” e tendo nesse “outro” o seu intérprete, adquirem e desenvolvem a linguagem escrita de uma maneira significativa para suas vidas. Para isso, as autoras “mergulham” as crianças em materiais escritos para perceber que a linguagem escrita existe por uma determinada razão e, por isso, é necessário compreendê-la e usá-la com os vários sentidos que ela requer.

Vale ler esse livro. Não só professores, mas também pais de alunos, coordenadores escolares e autoridades ligadas às políticas públicas de alfabetização. Caminhos possíveis são abertos mesmo quando o fracasso está presente. E é nesse sentido que o livro

alerta para as péssimas condições de trabalho nas escolas e para a formação inadequada dos professores cuja prática pedagógica exige um mínimo de conhecimento sobre o papel, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem escrita e oral da nossa sociedade.

O livro também pode provocar uma instigante e produtiva reflexão sobre a crise de paradigmas na área da linguagem. Crise, a propósito, muito salutar!

#### REFERÊNCIAS

BRAGGIO, Sílvia L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992.

1 Professora da Faculdade de Educação–UFG. Doutoranda em Educação– Unicamp/SP